

AMÁLIA - UM GIGANTE DA ENFERMAGEM BRASILEIRA

Taka Oguisso

Objetivo: descreve a vida profissional de Amália Correa de Carvalho, pioneira da enfermagem brasileira, aluna de Edith de Magalhães Fraenkel, de quem soube absorver a força do idealismo, a grande tenacidade e o enorme talento e capacidade de trabalho. Foi presidente das duas entidades maiores da enfermagem brasileira: a ABEn e o Cofen. A sede própria da ABEn, em Brasília, foi fundamentalmente construída em sua gestão de quatro anos, e no Cofen, nas duas gestões iniciais desse órgão, participou da implantação do órgão federal e da instalação dos regionais, assim como da elaboração do Código de Deontologia de Enfermagem. Soube com perspicácia conduzir os destinos da profissão. Que seu exemplo de vida ativa e generosa possa inspirar as novas gerações de profissionais da enfermagem.

Descritores: História da Enfermagem; História; Biografia

AMALIA - A BRAZILIAN NURSING GIANT

Objective: It describes the professional life of Amalia Corrêa de Carvalho, a Brazilian Nursing Pioneer, Ms Edith Magalhaes Fraenkel's student from whom she knew how to absorb the strength of the idealism, the tenacity, and the enormous talent and work capacity. She was president of the two greatest institutions of the Brazilian nursing: the ABEn (Brazilian Nursing Association) and the Cofen (Federal Council of Nursing). The ABEn's headquarters in Brasilia was mainly built up during her four-year mandate; and at the Cofen, during her two first mandates, she participated in the implementation of this federal organization and the installation of its regional offices, as well as the drawing up of the Nursing Deontology Code. She knew through her perspicacity how to conduct the profession destiny. It is expected that her example of active and generous life may inspire the new generations of nursing professionals.

Descriptors: History of nursing; History; Biograph.

UN GIGANTE DE LA ENFERMERÍA

Objetivo: Se describe la vida profesional de Amalia Correa de Carvalho, pionera de la enfermería brasileña, estudiante de Edith de Magalhães Fraenkel, de quien supe absorber la fuerza del idealismo, la gran tenacidad y el enorme talento y capacidad de trabajo. Fue presidenta de las dos entidades mayores de la Enfermería Brasileña: la ABEn (Asociación Brasileña de Enfermería) y del Cofen (Consejo Federal de Enfermería). La sede propia de ABEn, en Brasília, fue fundamentalmente construída en su gestión de 4 años, y en el Cofen, en las dos gestiones iniciales de ese órgano, ha participado en la implantación del órgano federal y de la instalación de los regionales, así como de la elaboración del Código de Deontología de la Enfermería. Supo con perspicacia conducir los destinos de la profesión. Que su ejemplo de vida activa y generosa pueda inspirar las nuevas generaciones de profesionales de enfermería.

Descriptorios: Historia de la enfermería; historia; Biografía.

¹Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Titular da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. E-mail: takaoguisso@uol.com.br

PREPARO PARA A LIDERANÇA

Amália Corrêa de Carvalho, filha de Pedro Corrêa de Carvalho e Elza Morandini de Carvalho, nasceu no dia 20 de março de 1918, na cidade de Ribeirão Preto, onde também faleceu em 2011, aos 93 anos de idade. O casal teve os filhos Augusta, Mariana, Anayde, Amália, Manoel, Maria e Pedro. Depois de quatro filhas, o nascimento do primeiro menino gerou um grande movimento na família, pois era fato auspicioso e muito valorizado pelas famílias da época. Assim, desde cedo, Amália, como quarta filha, teve que lutar para ocupar seu próprio espaço e receber atenção das irmãs e dos pais, o que deve ter contribuído para torná-la precocemente muito independente e exigente. Amália, assim como todas as irmãs, estudou no Colégio Santa Úrsula, fazendo o curso Normal, para formação de professora primária, o único considerado adequado para as moças da época. Fez depois o curso de Biblioteconomia, na Escola de Sociologia e Política, formando-se em dezembro de 1943, quando já havia iniciado o curso de enfermagem.

Fez o curso de graduação na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), formando-se pela primeira turma, em 1946. Ainda como estudante, ajudou a fundar e tornou-se a primeira presidente do Centro Acadêmico XXXI de Outubro, nome que lembra a data de fundação oficial da Escola (Decreto-lei nº 13.040, de 31 de outubro de 1942). Sua irmã Anayde seguiu seu caminho e também se formou na quarta turma, em 1949. Amália sempre se destacou em seu grupo pela dedicação aos estudos e seriedade com que fazia todas as coisas. Por isso recebeu o convite da diretora, Da. Edith de Magalhães Fraenkel, para fazer parte de seu corpo docente a partir de janeiro de 1947.

De julho de 1948 a janeiro de 1950, permaneceu em Boston, nos Estados Unidos, com bolsa de estudos da Fundação Kellogg. Fez curso sobre o ensino de enfermagem e das ciências básicas, recebendo o grau de bacharel (*B.S. degree*) em Educação da Enfermagem. Ao retornar, para reforçar ainda mais seus conhecimentos, matriculou-se no curso de Química Aplicada e formou-se no Instituto Mackenzie, em 1952. Novamente em 1956 afastou-se da docência para novos estudos, desta vez no *Teachers College*, Universidade Columbia, Nova York, onde obteve o grau de *Master of Arts*. Na ocasião, completou também todos os créditos para o doutorado, ao mesmo tempo em que elaborou seu projeto de tese e iniciou a escrita, planejando completar a pesquisa no Brasil e voltar para defender sua tese nessa Universidade americana. Porém não conseguiu mais afastar-se das atividades na EEUSP, permanecendo na docência, em especial como professora de Fundamentos de Enfermagem e na pós-graduação. Posteriormente, completou o doutorado em 1972, quando houve essa exigência da própria Universidade, por

força da Lei 5540, de 28-11-1968, da Reforma Universitária. Sua tese de doutorado, intitulada *Orientação e ensino de estudantes de enfermagem no campo clínico*, defendida em 1972, na EEUSP, é fruto de estudos iniciados no *Teachers College* e constitui um primor de pesquisa com sólidos conceitos que perduram até os dias de hoje, sendo referência para muitos pesquisadores.

ATUAÇÃO EM ÓRGÃOS DE CLASSE

Inspirada por Da. Edith, além das funções regulares na EEUSP, Amália passou a desenvolver outras atividades, particularmente na Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), onde desempenhou inúmeras funções, culminando com a presidência da entidade por dois mandatos de 1968 a 1970 e de 1970 a 1972. Foi um período particularmente difícil, pois a ABEn havia recebido prazo para construir a sede própria em Brasília, sob o risco do terreno ser retomado pelo governo. Foi durante os quatro anos de seu mandato que a sede de mil metros quadrados, em um terreno de cinco mil metros quadrados, foi construída a duras penas, pois como sempre, os recursos da ABEn eram muito escassos e os prazos estavam esgotados. Como bem relembra Ir. Maria Tereza Notarnicola, tesoureira da ABEn, foi quase um milagre ter conseguido terminar a obra, com campanhas, rifas, chás beneficentes, e até ajuda financeira das próprias irmãs da presidente, Anayde e Mariana.

Foi também Amália que deu prosseguimento aos dados colhidos no Levantamento de Recursos e Necessidades da Enfermagem no Brasil (1956-58), como presidente da Comissão de Seguimento desse Levantamento, mais uma vez com auxílio da Fundação Rockefeller. Esgotados os recursos, a ABEn precisou assumir a continuidade dessa coleta de dados, o que foi feito por vários anos. Assim, em julho de 1963, essa Comissão desapareceu, surgindo em seu lugar na modalidade de especial, a Comissão de Documentação, posteriormente chamada de Documentação e Estudos e depois de Atividades Científicas e Documentação. Com a criação do Conselho Federal de Enfermagem, em 1973, essa autarquia assumiu a coleta de dados, pois tinha poderes e recursos para tal.

Todas essas atividades eram desenvolvidas paralelamente às aulas que continuava a ministrar na EEUSP, tanto em nível de graduação, mas principalmente na pós-graduação (sistema antigo) quando tiveram início, em 1959, os cursos de Administração aplicada à Enfermagem e de Pedagogia e Didática aplicada à Enfermagem, esse sob sua responsabilidade. Centenas de candidatos, enfermeiros de praticamente todos os países da América Latina, e até de Portugal, com bolsas de estudos oferecidas pela Organização Pan-americana de Saúde e pela Organização Mundial de Saúde, vieram fazer um desses cursos, que funcionaram até

1970, quando tiveram que ser interrompidos por força da Reforma Universitária.

Em 1975, o Ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, nomeou nove enfermeiras indicadas por dra. Glete de Alcântara, presidente da ABEn, que compuseram o primeiro grupo para instalação do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen). Da EEUSP constavam dois nomes: Maria Rosa Sousa Pinheiro e Amália Corrêa de Carvalho, que foram depois eleitas pelos pares como presidente e vice-presidente da primeira diretoria do Cofen. Foi essa diretoria que instalou os 22 órgãos regionais no Brasil, que compuseram os conselhos regionais de enfermagem, além de aprovar um Código de Deontologia de Enfermagem. Na gestão seguinte, dra. Amália foi eleita presidente do Cofen, permanecendo por três anos de sua gestão, até 1979. Nesse período, intensificou os estudos para um novo projeto de lei do exercício profissional da enfermagem, além de coordenar e orientar o funcionamento de todos os regionais no país.

Portanto, Amália Corrêa de Carvalho foi presidente das duas entidades maiores e mais significativas da enfermagem brasileira - a ABEn e o Cofen. Em ambos os órgãos sua gestão sempre foi marcada por empreendimentos de vulto. Em nível internacional foi também eleita presidente regional, de 1972 a 1976, da Seção Sul-americana do Comitê Internacional Católico de Enfermeiras e Assistentes Médico-sociais (CICIAMS), do qual a ABEn era membro. No exercício desse cargo, realizou em 1976, ano do cinquentenário da ABEn, o 1º Congresso Regional Sul-americano do CICIAMS em conjunto com o XXVIII Congresso Brasileiro de Enfermagem, no Rio de Janeiro.

MUDANDO A HISTÓRIA

Além da docência e outras atividades paralelas, Amália afastou-se da EEUSP, por um período (1963-66), para ser diretora da Escola de Enfermagem Job Lane, junto à Sociedade Hospital Samaritano, em São Paulo. Graças a seu trabalho essa Escola conseguiu ser reconhecida pela Diretoria do Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura (MEC) para que as duas turmas de enfermeiras, que já haviam se formado, pudessem ter sua formatura e terem seus títulos registrados. Durante o preparo da documentação

para esse reconhecimento, solicitou documentos como atas de constituição e relatórios da diretoria da Sociedade dos primeiros anos de funcionamento do hospital. Nesses documentos descobriu que as enfermeiras contratadas pelos fundadores do hospital eram todas formadas na Inglaterra; e haviam criado um sistema que tinha como diretora ou gerente, a *matron*, com supervisoras chamadas *sisters* e as *nurses* que executavam todos os cuidados, exatamente o mesmo sistema implantado por Florence Nightingale no Hospital Saint Thomas, berço da enfermagem moderna, na Inglaterra. Esse sistema de organização dos serviços de enfermagem perdurou até o final do século XX nesse país. As enfermeiras inglesas haviam criado uma escola dentro do Hospital Samaritano, ainda em 1894, quando não havia legislação sobre ensino de enfermagem e nem obrigatoriedade de registro ou reconhecimento de escola no Brasil.

Artigo sobre essa descoberta foi, pela autora, publicado em 1965, na Revista Brasileira de Enfermagem, posteriormente corroborada pela historiadora Maria Lucia Mott com pesquisas nas mesmas fontes e entrevistas com a antiga *matron* Louise Madein. Na verdade, essa descoberta reconfigurou a história da enfermagem brasileira, onde estava registrado e se ensinava que o sistema nightingaleano havia sido implantado no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, em 1923, com a fundação da Escola de Enfermagem Anna Nery, pelas enfermeiras americanas da Missão Parsons.

A verdade histórica é que o sistema nightingaleano foi implantado, de fato, na cidade de São Paulo, quase trinta anos antes do Rio de Janeiro, no Hospital Samaritano, em 1894.

Amália, mesmo afastada, continuou a ministrar disciplinas sob sua responsabilidade na EEUSP, especialmente na pós-graduação. Ela também prestou colaboração à enfermagem em outros países, em geral a pedido da Organização Mundial da Saúde, como consultora de curto prazo, como ocorreu na Universidade San Marcos, em Lima, Peru, para onde foi diversas vezes entre 1966 e 1968, em geral por dois meses para ministrar diferentes cursos, como o preparatório para enfermeiros-docentes da Escola de Enfermagem, Liderança em enfermagem, Metodologia da pesquisa em enfermagem, Didática aplicada à Enfermagem e Problemas do ensino de

“Em 1975, o ministro do Trabalho, Arnaldo Prieto, nomeou nove enfermeiras indicadas por dra. Glete de Alcântara, presidente da ABEn, que compuseram o primeiro grupo para instalação do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen)”

²Da Conferência que tratou da Convenção 149, sobre condições de vida e de trabalho do pessoal de enfermagem, aprovada pela OIT em 1977, participou Maria Rosa Sousa Pinheiro, como conselheira técnica do Ministério do Trabalho, e portanto, representante do governo brasileiro. In: Cofen: Relatório Gestão, 23-04-1977 a 22-04-1978. P. 78.

Enfermagem, além de outros solicitados pelo Ministério da Saúde ou pela “Caja Nacional de Seguro Social” desse país. Dentro do Brasil, também ministrou inúmeros cursos de sua área de conhecimento a pedido da Associação Brasileira de Enfermagem ou das escolas de enfermagem em quase todos os estados, de Norte a Sul.

Representou a enfermagem brasileira em diversas ocasiões, seja em reuniões e grupos de trabalho da Organização Mundial da Saúde e da Organização Pan-americana de Saúde. Na Organização Internacional do Trabalho (OIT), participou da delegação do Ministério do Trabalho na 61ª Conferência Internacional do Trabalho, em junho de 1976, na discussão e estudos sobre condições de vida e de trabalho do pessoal de enfermagem, que se tornaria depois a Convenção nº 149, finalmente aprovada pela OIT em 27 de junho de 1977². Participou também de diversos congressos e eventos promovidos pelo Conselho Internacional de Enfermeiras (CIE). Foi inclusive a entronizadora (figura que existia na época como madrinha da nova organização que se filiava) da Associação Portuguesa de Enfermeiros que estava sendo admitida como membro do CIE, em Montreal, Canadá, em 1969. Apenas para lembrar, a ABEn já era membro veterano, desde 1929.

Portanto, seu papel na internacionalização da enfermagem brasileira foi muito grande e muito precoce, não apenas por influência de Da. Edith, mas também pelo conhecimento de idiomas e sua empatia e sensibilidade no trato com pessoas de modo geral.

ABRADHENF - UMA IDEIA QUE FRUTIFICOU

No início da década de 1980, Amália comentou que era tempo de se criar uma academia de enfermagem, pois a ABEn e o Cofen já estavam consolidados, diversos sindicatos de enfermeiros já estavam funcionando, e esses naturalmente acabariam por criar a Federação Nacional de Enfermeiros, o que veio a ocorrer em 1987. Assim, só faltava uma academia.

Por sugestão dela, teve início o estudo e a escrita de um futuro estatuto com a ajuda de Da. Maria Rosa Pinheiro, ex-diretora da EEUSP e ex-presidente da ABEn e do Cofen. Um pequeno grupo composto de: Hyeda Maria da Gama Rigaud, Lore Cecilia Marx, Maria Jose Schmidt, Nara Sena de Paula, Taka Oguisso e Victoria Secaf, começou de fato a frequentar

a casa de Maria Rosa Pinheiro para discutir os objetivos dessa futura nova organização, requisitos, condições de funcionamento, financiamento e outros temas relacionados. Membros desse grupo também procuravam Amália para discutir esse tema que ela acompanhava, sempre com muito interesse, principalmente a questão do financiamento e da futura sede. Por diversas circunstâncias, o grupo inicial se dispersou e o assunto ficou hibernado por mais de 20 anos.

Na verdade, pretendia-se que fosse uma academia de enfermeiros, nos moldes de sua similar americana. Finalmente, o tema foi ressuscitado em 2010 quando no dia 13 de agosto, data que marcava o centenário da morte de Florence Nightingale, foi fundada a Academia Brasileira de História da Enfermagem (ABRADHENF), cuja mentora, sem dúvida, foi Amália Corrêa de Carvalho ainda na década de 1980. Essa entidade permite a filiação não só de profissionais de enfermagem como de outros profissionais,

“No início da década de 1980, Amália comentou que era tempo de se criar uma academia de enfermagem, pois a ABEn e o Cofen já estavam consolidados”

pela “interdisciplinariedade, como possibilidade de enriquecimento nas discussões, no crescimento, no amadurecimento e na agregação de novos modos de pensar a história” (Oguisso et al).

A ABRADHENF conta com a categoria de membro acadêmico, destinado ao membro efetivo que se destacar por pesquisas e publicações na área de História da Enfermagem (art. 4º, parágrafo 3º, do Estatuto).

A exemplo da Academia Brasileira de Letras, o membro acadêmico passa a ocupar uma cadeira que tem o nome de um vulto da enfermagem como patrono ou patrona dessa cadeira a ser ocupada pelo futuro membro acadêmico. Amália Corrêa de Carvalho foi indicada para ser a patrona da primeira cadeira de acadêmica da ABRADHENF.

Esse tema, História da Enfermagem, ainda é muito pouco valorizado pelos próprios docentes e profissionais da enfermagem, o que se comprova pela redução gradativa do tempo e espaço para a História da Enfermagem e até mesmo o desaparecimento desse título nas diretrizes curriculares. Parece que houve esquecimento pelos enfermeiros em geral, que é a história da enfermagem que oferece o embasamento necessário para a formação da identidade profissional.

Não se trata de estudar algo morto no passado e nem de tentar evitar a repetição de erros, mas sim de tornar-nos

mais comprometidos com a profissão, conhecer o patrimônio histórico já existente para que cada um possa se orgulhar de ser enfermeiro. O estudo das lutas, dificuldades e obstáculos vencidos tenazmente pelas pioneiras da enfermagem é gratificante e alentador quando se depara com o que a profissão tem hoje.

PRODUTIVIDADE DE AMÁLIA

Como docente Amália aposentou-se da EEUSP em 1980. Mas, continuou a escrever, como sempre o fez, artigos originais para revistas, assim como livros, destacando-se em sua produção a tradução para português do livro “Notes on Nursing”, de Florence Nightingale, de grande utilidade para os profissionais interessados em História da Enfermagem, sua área de predileção. Também o Resumo Histórico da EEUSP, 1942-1980, constitui até hoje a única e principal referência sobre fatos do período referido. Também por isso, Amália escreveu a biografia de Da. Edith de Magalhães Fraenkel, sua professora e mentora, publicado em 1992, na comemoração do cinquentenário da Escola. É essa obra que a direção da EEUSP republicou, em 2012, como parte das comemorações dos 70 anos de sua fundação, dessa vez uma edição primorosa, de melhor qualidade, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), com mais fotografias, papel de boa gramatura, capa dura e ISBN.

Poucos enfermeiros e docentes da geração atual, mesmo os da EEUSP, tiveram o privilégio e a oportunidade de conhecer essa figura ímpar, idealista, de ampla cultura, com

imensa capacidade de trabalho por horas e dias seguidos, persistente, por vezes impaciente, dura e enérgica. Mas, era também extremamente atenciosa e justa em tudo o que fazia e com todos que a cercavam. Na verdade, seguiu os passos de sua mentora, Da. Edith de Magalhães Fraenkel, a quem respeitava e admirava profundamente.

Amália Corrêa de Carvalho, ex-aluna e ex-professora da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, que também foi líder nacional como presidente da ABEn e depois do Cofen, além de mentora da ABRADHENF, respeitada por todos os profissionais de Norte a Sul do país, faleceu na véspera do dia do aniversário da sua Escola, no dia 30 de outubro de 2011.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre uma personalidade tão complexa, talentosa e ao mesmo tão simples, completa e produtiva como de

“Poucos enfermeiros e docentes da geração atual, mesmo os da EEUSP, tiveram o privilégio e a oportunidade de conhecer essa figura ímpar”

Amália Corrêa de Carvalho não é tarefa difícil, mas escolher o aspecto a ser focado não é fácil. Foi uma líder versátil, batalhadora, competente, tenaz, desbravadora, sempre pronta, uma guerreira de verdade. Merece o título de gigante da enfermagem, porque poucas enfermeiras até hoje conseguiram fazer tanto pela profissão, com tanta dedicação e desprendimento. Tinha mesmo a têmpera dos grandes heróis e gigantes! Para a nossa sorte ela se preparou e soube utilizar

toda sua inteligência, capacidade, tirocinio e sagacidade a favor da enfermagem brasileira. Merece, pois, o respeito de toda a classe pela dedicação e pelos incontáveis feitos que beneficiaram todos os profissionais, de Norte a Sul do país.

REFERÊNCIAS

1. Oguisso T – Nota sobre a autora. In: Carvalho AC – Edith de Magalhães Fraenkel. (2ª edição organizada por Oguisso T, Nichiata LYI) FAPESP/EEUSP;2012.
2. Mott ML – Revendo a história da enfermagem em São Paulo (1890-1920). Cadernos Pagu. 1999;13:327-55.
3. Carvalho AC – Resumo histórico (1942-1980). Revista da Escola de Enfermagem da USP. 1980;14:1-271.
4. Oguisso T, Bonini BB, Mecone MCC, Freitas GF – Coletividades da enfermagem. In: Oguisso T, Freitas GF – Legislação de enfermagem e saúde: histórico e atualidades. Barueri: Manole;2015.
5. Academia Brasileira de História da Enfermagem (ABRADHENF) – Estatuto, aprovado em 13 de agosto de 2010.
6. Oguisso T – Discurso de posse como acadêmica da Academia Brasileira de História da Enfermagem (ABRADHENF), em Ribeirão Preto, São Paulo, 6 de dezembro de 2013.

FORMAR A DISTÂNCIA FERE
O CÓDIGO DE ÉTICA
DA ENFERMAGEM!

○ **#ContatoReal** É EM TODO
O MOMENTO DA FORMAÇÃO



www.cofen.gov.br